

## **O CONCEITO DE MESTIÇAGEM NA HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA, DE SÍLVIO ROMERO.** Isabel Cristina Domingues Aguiar, Luiz Roberto Velloso Cairo. – Letras – Letras – Departamento de Literatura – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis.

A crítica literária advinda de um ideal empenhado na construção da identidade nacional concretizou-se na década de 70 do século XIX, com a formação de uma geração comprometida com os aspectos da cultura brasileira, da qual Sílvio Romero (1815-1914) fazia parte.

Dentre os integrantes da Escola do Recife o crítico sergipano se destacou devido ao seu intenso esforço para definir a literatura brasileira a partir de critérios do determinismo etnológico.

Neste sentido, a presente reflexão fundamenta-se pela compreensão e importância do conceito de mestiçagem, difundido em meados do século XIX, no Brasil. Esse estudo é parte que integra um projeto de pesquisa em que se pretende a releitura da História da Literatura Brasileira (1888), de Sílvio Romero.

Na releitura dessa história literária busca-se o contexto de sua construção, os pressupostos teóricos que a sustentam, revendo a bibliografia sobre ela existente, tendo em vista a elaboração de análise e sistematização, num texto monográfico, de conceitos como literatura, literatura brasileira, identidade nacional, periodização e mestiçagem, que dela se depreendem.

A percepção do crítico sobre a mestiçagem contribuiu para o reconhecimento de uma condição histórica e particular, capaz de definir o processo de miscigenação como um elemento importante na formação da identidade brasileira e, conseqüentemente, de uma nação unificada de acordo com os preceitos europeus.

É nesta obra que Romero, salienta o fator raça, termo usado pelo autor, marcado pela miscigenação como um dos fatores responsáveis pela formação de uma literatura estruturada com elementos característicos do Brasil. Além da formação racial seu estudo contempla também como critério para análise tanto a ação do clima sobre o indivíduo como o estudo do folclore brasileiro.

Quando cita o fator raça apela para a figura do mestiço como conseqüência das três raças – branco, negro e índio – responsáveis pela formação da população brasileira. A mestiçagem representa, antes de tudo, a desautorização de qualquer outra história literária que negasse a importância desse fenômeno na formação histórica e cultural do Brasil.

Desse modo, a literatura é tida como expressão de um povo, e o mestiço é o fator responsável pela diferenciação e surgimento de nossa literatura. No entanto, o autor acreditava no clareamento da raça como uma forma de elevação da nação, o que faz dessa uma das maiores contradições de seu estudo.

Em sua obra principal o autor dedica dois capítulos intitulados A nação brasileira como grupo etnográfico e produto histórico e Raças que constituíram o povo brasileiro: o mestiço; para a compreensão dos fatores da literatura brasileira. Nesses capítulos o lugar de honra entre as raças que constituíram o povo brasileiro é dado ao ‘português’. Ele é considerado o agente modificador de nossa cultura, capaz de unir a nação brasileira e a portuguesa para além dos limites do sangue.

Ao povo português deve-se a colonização por uma civilização européia, o que nos faz, em certa medida, pertencer aos povos ocidentais. Por outro lado, Romero acentua que o erro dos colonizadores portugueses foi não dirigir sabiamente esse processo, iludindo-se com sua formação fanática e jesuítica. Isso porque os padres pertencentes à Companhia de Jesus protegiam o índio em detrimento dos negros que eram escravizados e indignos da catequização.

No que diz respeito à figura do índio nesse processo de miscigenação, o autor expõe alguns trabalhos sobre a situação intelectual dos tupis-guaranis, apontando as crônicas do Padre Ivo d’Evreux como a mais minuciosa descrição das populações selvagens.

Quanto ao surgimento dos índios no continente americano aponta o próprio meio - América - como produtor dessa etnia, ou como ele denomina ‘nação’. Mesmo com essa defesa o índio é tido como um homem atrasado em seu período geológico. Vivía como um nômade, caçava para sobreviver e o máximo de seu conhecimento encontrava-se na arte cerâmica, sendo esta apreendida desde a infância.

Quanto toca no elemento negro o faz de modo breve, considerando que ao negro se deve muito mais que ao índio, já que aquele é suscetível a aprender e adaptar-se no meio americano.

A questão étnica como elemento de formação e, conseqüentemente, diferenciação nacional fez com que o autor se dividisse entre o cientificismo europeu e a sua própria realidade brasileira. Isso porque a tese romeriana aceitava como científico a desigualdade das diferentes raças, mas não acreditava na degeneração mestiça. No entanto, no fim do século XIX o pensamento da ciência, na figura do diplomata francês, o conde Gobineau, traz o Brasil como exemplo do mal da mestiçagem.

Compreende-se que a mestiçagem é um fato perceptível independente se benéfico ou não, sendo necessário um equilíbrio entre a mescla índio-áfrico-portuguesa; do contrário pode-se ter graves conseqüências econômicas e políticas. Nesse momento, Romero alude a possibilidade das três províncias do extremo sul se tornarem independentes, já que as mesmas possuem um excedente de população germânica. Atualmente sabe-se que a alusão do autor não se confirmou.

Observa-se um paradoxo instaurado na função da mestiçagem exposta por Romero. Da mesma forma que o autor caracteriza o mestiço como o elemento diferenciador, ele também prevê o branqueamento da população sem, no entanto, se desvencilhar de seu passado. O racismo de Sílvia Romero, de acordo com Antonio Candido<sup>i</sup>, se explica pela sua época de origem antropológica e compartilhada por muitos dos progressistas.

Quando afirma que ‘todo brasileiro é mestiço quando não no sangue, nas idéias’, Romero afirma a necessidade de uma mistura interior, de pensamento, e a literatura é a expressão maior desse fenômeno. Aí se encontra nossa diferenciação nacional, caso contrário, se unificássemos o país através de representações particulares como o elemento luso, o sertanejo, o negro ou o caipira; estaríamos no mesmo erro do indianismo-nacionalista do Romantismo.

Ainda que no século XX se dissemine cada vez mais a teoria do multiculturalismo e da heterogeneidade, pautada na corrente filosófica do Desconstrucionismo, é preciso ressaltar que o pensamento político de Sílvia Romero é importante para a reflexão de uma sociedade mestiça, como a brasileira.

### **Referências Bibliográficas**

CANDIDO, Antonio. *O método crítico de Sílvia Romero*. São Paulo: Ed. Da USP, 1963.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Intertextualidade: a migração de um conceito*. In: O próprio e o alheio. Ed. Unisinos, 2003.

COUTINHO, Eduardo F. *Mestiçagem e multiculturalismo na construção da identidade cultural latino-americana*. In: *Literatura Comparada na América Latina (ensaios)*. Rio de Janeiro: UERJ, 2003.

SANTIAGO, Silvano. O entre-lugar o discurso latino-americano. In: *Uma literatura nos trópicos. Ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: ROCCO, 2000.

SCHNEIDER, Alberto Luiz. *Sílvia Romero, Hermeneuta do Brasil*: São Paulo: Annablume, 2005.

ROMERO, Sílvia. *História da Literatura Brasileira*. (org. Luiz Antonio Barreto). Rio de Janeiro/ Aracaju: Imago/ Universidade Federal de Sergipe, 2001.

**Bolsa:** FAPESP

